

Balanço de livros



JORNAL
DO
ESCRITOR

Não pode ser vendido separadamente

DEZ ANOS DE ROMANCE

ADONIAS FILHO

Não sei se possa caber o debate sobre a validade literária do romance brasileiro de hoje. Quero acreditar que, já acima do debate, o nosso romance — e talvez fosse mais certo dizer o nosso romance contemporâneo — não perdeu os contatos e os caminhos com as inovações e as experiências da novelística universal. Todos os desafios, em verdade, encontraram respostas. E verificar-se-á com isso que, nos últimos dez anos, a partir de 1960, o romance atendeu a exigências que pareciam insuperáveis no processo excessivamente precipitado da mudança literária. O romancista, evidentemente situado em sua própria liberdade criadora, não teve como ignorar as duas colocações — na vanguarda e na retaguarda — que o envolviam de corpo inteiro.

Havia solicitações técnicas, que implicavam posições como a de espaço e tempo, de estrutura e carpintaria, mesmo de personagem e episódio, todas advindas da revolução novelística que se processava no mundo. O *nouveau roman* constituiu um exemplo. E outro exemplo, talvez parcialmente responsável pelo próprio *nouveau roman*, estará na correlação entre o romance e o cinema. Somadas a essas posições — às quais atendíamos com inúmeros ficcionistas — e que chegavam “de fora para dentro”, tínhamos as que chegavam de “dentro para fora”, mais sérias e decisivas porque componentes intrínsecos do próprio complexo cultural do romance brasileiro.

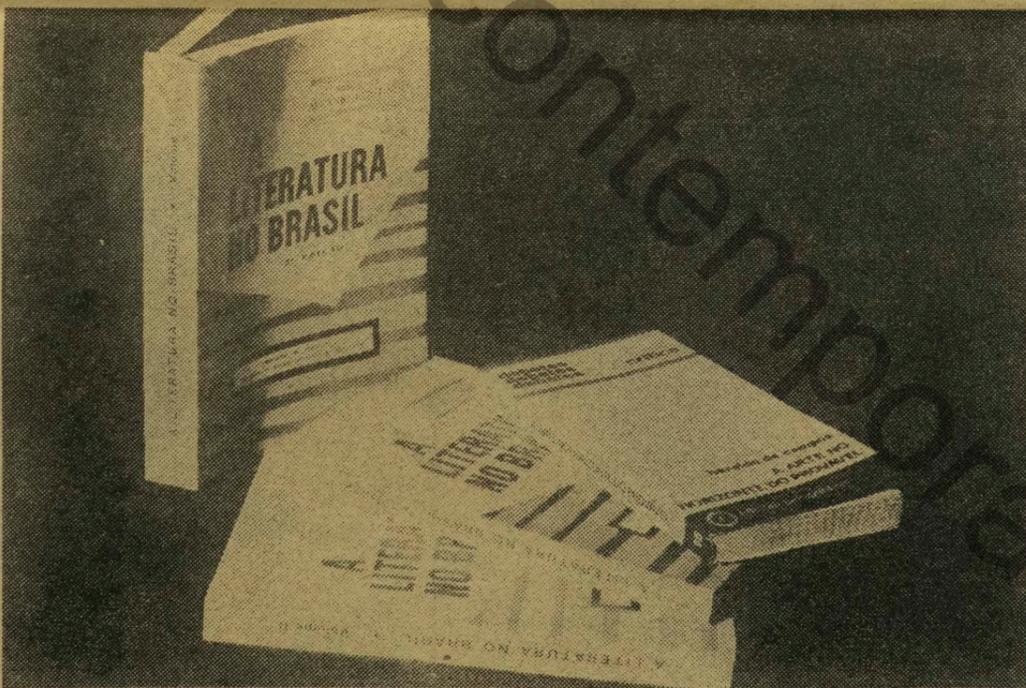
Ignorá-las ou superá-las seria não trair apenas a “historicidade”, mas negar sobretudo a continuidade literária que integra o romance — como complexo cultural em si mesmo — no complexo cultural brasileiro. O romancista não tinha como isolar-se e, permanecendo receptivo tanto às solicitações técnicas revolucionárias quanto à continuidade histórica, manteve o raro equilíbrio que hoje caracteriza os dez anos.

Está claro que contam, e muito, as contribuições e os valores individuais. Nesse círculo privado, quase restrito à estilística, os inventos não foram pequenos. Não foram também pequenas as colaborações na órbita da linguagem e do artesanato. Mas, e se o romance nesses dez anos pôde expandir-se a ponto de mover uma temática atual, socialmente viva em todas as consequências, não sacrificou o reconhecimento humano e interiorizante no tratamento psicológico. E por isso mesmo, nele, de tudo se encontrará — a análise intimista, a inquirição dialética, a sondagem exterior — na concentração de caminhos em busca da auscultação da criatura. Acima de tudo isso, porém, e já que tentamos mostrá-lo e não defini-lo, o que há para considerar-se é que, no fundo das especulações subjetivas e das problemáticas intelectivas, não perdeu a sua constante mais poderosa: precisamente a anti-evasão.

É por aí, através dessa via sempre visível em todos os tempos — quer se chame documentário ou testemunho, realismo ou reportagem



O maior romancista brasileiro vivo — Adonias Filho — fala da nossa experiência ficcional



Odilo apóia o
sindicalismo

Pág. 3

Paraná lança
novo concurso

Pág. 8

Friburgo faz
V Festival de
Teatro Amador

Pág. 8

No campo do ensaio, duas obras foram fundamentais em 1969:

A Literatura no Brasil, 2.^a edição, direção de Afrânio Coutinho, e **A Arte no Horizonte do Provável**, de Haroldo de Campos. De ambas vamos fazer maiores considerações no próximo número do Tablóide-JE.

—, que se funde com a “historicidade”. E daí é que vem a sua presença como realização coletiva e, infinitamente mais que isso, sua afirmação como um estado orgânico. Ilustra-se-á a conclusão dizendo que, mesmo em penetração mítica, tudo nele se condicionou ao mundo brasileiro, reagindo invariavelmente ao escapismo e à evasão. Não será por isso mesmo, um romance morto.

Repelindo a evasão, e, principalmente, porque motivado pelo complexo cultural brasileiro, o romance desses dez anos — definitiva-

mente incorporado à “historicidade” — não sacrificou as constantes literárias tradicionais. Todas as renovações técnicas se realizariam à sombra das constantes literárias herdadas como, por exemplo, o lirismo poético, o realismo episódico, o testemunho descritivo. E, como elemento fundamental de prova, o aproveitamento de tipos — e muitas vezes de tipos sociais brasileiros — como infra-estrutura na criação e caracterização das personagens. Poder-se-á dizer que não houve, por este lado, qualquer atmosfera a distingui-lo dos ciclos anteriores e das

gerações de romancistas que imediatamente o antecederam.

Em última palavra, porém, o que efetivamente o configura — e na variação de temas e manifestações técnicas — é a participação a um só tempo em tantas frentes as mais opostas. Não há, em consequência, um comportamento a mostrar-se numa espécie de trilha única. Há, ao contrário, toda uma série de comportamentos a confirmar, mais uma vez, que a força de uma geração literária resulta de seu próprio poder de expansão pela capacidade de incorporar e absorver.

INFORME DO

CEARÁ

ANTÔNIO GIÃO BARROSO

"ASPECTOS" TERCEIRO

Aspectos, a revista da Secretaria de Cultura, sai agora pela terceira vez, numa edição como as anteriores: bastante alvejada. São 195 páginas de matéria que prima pela seleção, além do ineditismo que caracteriza cada um dos trabalhos publicados. Assim, temos, na seção de Ciência, as colaborações assinadas por Rebouças Macambira (Estrutura da Oração Interrogativa), J. G. Duque (Disparidade do Progresso), Zélia Sá V. Camurça (O Ex-Aluno na Perspectiva Social da Atualidade), José Parsifal Barroso (Ciganos no Ceará) e Geraldo Nobre (O Primeiro Jornal Cearense). Na seção de Literatura: Braga Montenegro (Guimarães Rosa, Novelistas), J. de Figueiredo Filho (Demonstram as Escritas Rupestres do Brasil Influência dos Fenícios) e Manoel Albano Amora (Ex Libris). Na seção de Arte, um artigo de Heloisa Juacaba sobre a arte de José de França Amora, pintor cearense residindo atualmente nos Estados Unidos. Fechando esse número vem a parte de Documentário, Bibliografia e Notícias, destacando-se a transcrição tal e qual do Livro de Memórias do antigo Centro Literário, que aqui funcionou, aliás pela segunda vez (a 1ª Memória fala em "reorganização"), nos comegos deste século, tendo como sócios, entre outros, Pápi Júnior, Rodrigues de Carvalho, Farias Brito, Alvaro Bomilcar e José Albano. A título de curiosidade, transcrevemos a 8ª Memória: "5ª Sessão ordinária do Centro Literário, realizada no palacete de residência de Pápi Júnior, em 26 de setembro de 1900. Perderam-se as notas da sessão."

AMALÁ — UM NOME NAS ARTES PLÁSTICAS

Fortaleza conta com mais um atelier/galeria de pintura etc., nomeado Amalá pelos seus criadores, gente moça e cheia de esperança. Não está situado no centro da cidade mas isso não tem maior importância para quem quer ir lá e ver o que lá se faz. Quem? A juventude de Teresa Bona, Leão Júnior, Gabrieli e Randolph plus Hermani, Sérgio, Félix, Marcus... lá na Avenida Heráclito Graca, 362-A.

LIVROS NO ANIVERSÁRIO DO GOVERNO

Como parte das comemorações do 2º aniversário da atual administração do Estado, o Departamento de Imprensa Oficial (Secretaria de Administração), em combinação com a Secretaria de Cultura, lançou as seguintes obras: Ceará em Marcha Para o Desenvolvimento, de autoria do Governador Plácido Castelo; Jeca Ta, tu e Mané XiqueXique, de Ildefonso Albano, 3ª edição de um ensaio publicado há muitos anos e no qual o autor, antigo Prefeito da Capital e Presidente do Estado, contestava algumas teses de Monteiro Lobato. Introdução, agora, de Francisco Alves de Andrade, um estudo da problemática nordestina; Estimativa dos Custos de Formação de um Bacharel em Administração, trabalho de pesquisa da Escola de Administração do Estado; Revista comemorativa do 36º aniversário da I.O.; Aspectos, órgão da Secretaria de Cultura, 3º número.

OS PREMIADOS DA UNIVERSIDADE

Entregues os prêmios da UFC correspondentes ao ano passado, no valor de 500 cruzeiros novos cada. Eis a relação dos vencedores: Vocabulário Popular Cearense, de Raimundo Girão (Prêmio Gustavo Barroso, para estudos lingüísticos); Agronomia

e Humanismo, de Francisco Alves de Andrade (Prêmio Clóvis Beviláqua, desta vez para Sociologia e Economia); A Macambira, de Manuel Nogueira Bessa (Prêmio Otto de Alencar, para Ciências Biológicas).

INSTITUTO CLÓVIS BEVILÁQUA Tendo à frente os professores Martins Filho, ex-Reitor da UFC, Heribaldo Costa, voltou à atividade o Instituto Clóvis Beviláqua, anexo à Faculdade de Direito. Com um ciclo de conferências no qual foram abordados temas relacionados com o Direito Civil e importantes aspectos da vida e obra de Clóvis Beviláqua.

"MASSAPÊ EM FOCO"

Oswaldo de Aguiar, autor de vários livros publicados e a publicar (entre os últimos um sobre a cachaca), lançou recentemente Massapê (sua terra natal) em Foco, impresso na Imprensa Universitária e sobre o qual o massapêense adotivo José Alcides Pinto escreveu longo artigo no Suplemento de Unitário. Ao lado da informação, a anedota, transmitida num estilo que é, realmente, dos mais agradáveis.

ROTINA E FOME NO CEARÁ

Com capa (muito boa) de Floriano Teixeira, hoje fazendo ilustrações para Jorge Amado, na Bahia, a IUC editou a esperada obra de L. F. Raposo Fontenelle, Rotina e Fome em uma Região Cearense, estudo de antropologia cujo alto interesse na discussão de importantes problemas regionais prende o leitor da primeira à última página. O autor é professor da matéria, pertencendo atualmente à Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UFC.

O II SALÃO NACIONAL

Contando com a participação de pintores, desenhistas e escultores de vários Estados, foi instalado no Palácio da Luz o II Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará, promovido pela Secretaria de Cultura. O Júri de Premiação é integrado por Braga Montenegro, Geraldo Marikan, Henrique Barroso, Antônio Girão Barroso e, possivelmente, Clarivaldo Valdeaires ou Roberto Pontual.

FANTASIA E HISTÓRIAS REAIS

Apresentado por Raimundo Girão, Secretário de Cultura, foi lançado na Livraria Renascença o novo livro de João Jacques, Uma Fantasia e Nove Histórias Reais, editado pela IUC. A "tarde de autógrafos" reuniu numerosos amigos e admiradores do festejado escritor e jornalista.

O Nº 17 DA RMC

Cada vez melhor a Revista dos Municípios do Ceará, agora, como se sabe, uma revista nacional. O nº 17 está mais do que bom, não só do ponto de vista gráfico como em relação ao seu conteúdo, dos mais ricos e interessantes, focalizando parcialmente o Estado do Piauí. RMC tem como diretores Américo Barreira e Cláudio Martins.

CONSELHO DE CULTURA: 128 REUNIÕES

Desde a sua instalação, em dezembro de 1966, até outubro último, o Conselho de Cultura do Estado, que funciona junto à Secretaria de Cultura, já realizou 128 sessões, com a participação de todos os pelo menos da maioria dos conselheiros, que são os seguintes, no momento: Raimundo Girão (presidente), Carlos Studart Filho, José Guimarães Duque, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Oswaldo Riedel, Manoel Albano Amora, Orlando Leite, Heloisa Juacaba e Antônio Girão Barroso.

O garatuja (II)

JOSÉ DE ALENCAR

A mais afiada língua entre as famosas que então havia na leal cidade de S. Sebastião

Em outro ponto do Rocio, para o lado da Misericórdia, tinha-se formado novo molhar de gente que se apinhava para ouvir pormenores do caso. Quem falava era uma velha desdentada, mostrando uma língua fina e ligeira. Essa linguinha parecia à ara. Pôncia da Encarnação, que fazia vida de regateira, mas não se ocupava de outra coisa senão espalhar o que ia pela rua para emredar vizinhos e fazer da vida alheia...



Fronteiro a ela, o seu atento ouvinte, aparecia o Belmiro, sujeito com um corpo desengonçado e com duas pernas de taquari. As pastas de alvaide que tinha pelo cabelo ruivo e assanhado, estavam-lhe denunciando o ofício de pintor. — Ninguém me tira que tudo isto não passa de artes do capeta. Deus me perdoe, do Garatuja já... sabem? O culo da Rosalina, que ela obama de enfeitado, ... nanja eu, que engula essa...



E prosseguiu: — Como ela arranjou o tal enfeitadinho lá o ponto, que foi mesmo um tráz-zás; saiu por uma porta, entrou por outra. E o manégo do alvete, que ainda anda na comê-requerendo licença para meter-se em matrimônio, e já o filho quer passar-lhe a perna. O pevarilho do enfeitado, a se derrengar com a filha do tabellão, a Maria. Sônsa que ela só, Estelin eu cá não meio minha mão no fogo...



Ao cabo desta longa-lença, que zunia como uma matriaca, tomou a Pôncia respiração para despedir-se em nova parolice. — A tal rapariguinha... não digam que foi a Pôncia que contou, a sônsa da Maria, anda desdiquitando os familiares do prelado. A tramóia toda foi tomada pelo demônio do Garatuja... cruzeiros de beizebu, engringando de porco sujo. O tabellão e o prelado andam al vendifios... sou capaz de jurar...



FABIO LUCAS LO UVORES

Se a participação em comissões julgadoras de prêmios literários nem sempre é compensadora do ponto de vista material e se, por vezes, traz certo desconforto moral, a hesitação agravada pelo horror à injustiça, temos de admitir que oferece também revelações surpreendentes, inesquecíveis compensações intelectuais. O encontro de um novo recanto na obra de autores que já conhecemos e o surgimento de bons autores novos mais do que compensam pequenos agravos que aparecem nesses caminhos em que também transitamos o interesse e a validade.

Um concurso nacional de literatura infantil, por exemplo, nos fez ler O sobradinho dos paraísos (S. Paulo, 1968), de Herberto Sales, escritor tão aplaudido quando escreve para adultos, tão atento à boa expressão. O livro foi duplamente revelador para nós: de um lado, a singularidade da atraente história infantil, o sonho des paraísos que procuram a grandeza das cidades, com seus beirais, suas torres, seus campanários. Movidos por uma grande ilusão, experimentam o fastio de um sobradinho de dez janelas, mas acabam decidindo, após várias peripécias, pela volta ao campo, nostálgicos que estavam da natureza; de outro lado, o autor transiere à fábula o conjunto de problemas que afetam o adulto, e em termos mais gerais, envolvem os escritores brasileiros.

E que, após uma pesquisa que realizamos de nossa cidade industrial brasileira, produtora e realizadora, ainda não deu uma constelação de personagens tipicamente urbanas. Geralmente o que temos visto é o predomínio da cultura rural, mesmo nas cidades mais avançadas. Os autores que retratam mais determinadamente os conflitos sociais, revelam quase sempre o drama de pessoas que, abandonando o campo, demandam a cidade, em busca da fortuna e da felicidade. As personagens sofrem o impacto da sociedade industrial, desenganam-se e, por vezes, começam a sonhar com a volta ao ponto de origem. Espelham uma inadaptação. Não se urbanizaram. O moleque Ricardo, de José Luis do Rego, por exemplo, denota essa frustração.

Os paraísos imaginados por Herberto Sales cumprem também aquele ciclo. Revivem, de certa forma, o mito da bondade natural: "Enfim, pensando bem, lá na mata a vida era bem melhor do que na terra onde moravam os homens".

O "Prêmio de Crítica ou Ensaio Literário Banco Regional de Brasília" coube ao estudo inédito Estruturalismo e crítica de poesia, de Leodegário A. de Azevedo Filho. O autor, como vários outros, mostra-se vivamente empenhado na renovação metodológica da crítica literária no Brasil. Apresenta, em introdução, os fundamentos de uma teoria estrutural da obra poética. Passa, depois, a conceituar categorias indispensáveis à teoria literária: motivação, sistema, modelo, etc.

Básica-se fundamentalmente nos quatro níveis básicos da estruturação poética, isto é, o motivo, o tema, a imagem e o ritmo. Procura estabelecer o Plano sincrónico (favorável à análise do estilo de época) e o distingue do Plano diacrónico, apropriado para informar sobre a historicidade de certas manifestações. Investiga, apoiado em bons autores, a diferença entre o sistema lingüístico (sistema semiótico primário) e a linguagem literária (sistema semiótico secundário). E procura trabalhar com uma categoria especial — o alópoema —, fato particular e concreto, que representa a realização de uma estrutura ideal.

Através desses elementos, Leodegário A. de Azevedo Filho utiliza as estruturas poéticas para o julgamento estético da poesia, chegando, desta forma, a aplicação prática do método. O seu trabalho vem a mostrar, em apêndice, uma análise estrutural de um alópoema. Já o "Prêmio de Crítica ou Ensaio Literário Fundação Cultural do Distrito Federal" reuniu nos Ensaícos Escolhidos, de Oswaldo Marques, obra de extraordinário mérito para a teoria e a crítica literária no Brasil. Na primeira parte do livro encontra-se a "Teoria da Metafora", um mergulho em profundidade nas modernas concepções, especialmente mas de Richards e H. Konrad. Na segunda parte, destaca-se o famoso ensaio "Canto e Plurimagem das Palavras", paciente e destacada análise estilística de contos de Sagarana.

A acuidade de Oswaldo Marques resiste principalmente em ter notado o fenômeno Guimarães Rosa antes mesmo da publicação de Grande Sertão: Veredas e de Corpo de Baile. De posse apenas de Sagarana, o grande crítico e poeta já considerava aquele ficcionista como "o maior inovador no domínio da linguagem de nossa literatura". Oswaldo Marques defende a tese de que os trabalhos de Guimarães Rosa mostram eficácia tanto no plano da prosa quanto no da poesia, razão pela qual o crítico, para denominá-los, teve de cunhar o vocábulo prosoema.

No mesmo estudo sobre Sagarana, volta o crítico a examinar o fenômeno da metáfora tão a seu gosto. Compara a mente oriental cuja lógica compreende as permutações possíveis de dois símbolos, com a mente ocidental, afeita às analogias e metáforas e diferente da semita, que emprega imagens e parábolas. Foi que aprendeu em Matlia C. Ghyka, autor de Sortilêges du Verbe. Muitos outros ensaios se reúnem no livro premiado de Oswaldo Marques, um volume de trezentas páginas.

Alguns estudos são de menor importância porque os autores apreciados não oferecem campo suficiente para a erudita investigação do crítico.

O Prêmio Esso de Literatura destacou dois estudantes que também usaram análise estruturalista: Lúcia Helena, com o trabalho Samuel Ravet em questão: tentativa de análise estrutural, e Antônio Sérgio Lima Mendonça com Linguagem Poética e Estrutura do Conto. O que há de pioneiro nesses autores foi o emprego do método para obras de ficção. Com efeito, até agora, a eficácia do Estruturalismo têm-se mostrado apenas no campo da poesia lírica, embora a teoria não especifique o campo. Mas, com aqueles dois estudantes, ficou provado que o método funciona muito bem no terreno da ficção.

No mesmo concurso, um destaque tem de ser feito para o contista João de Deus Neri Bezerra, com trabalhos Fê e Requiem para um Pária. Trata-se de uma vocação que desponta com raro vigor. E principalmente no gênero "conto" que a literatura brasileira de criação está renovando.

E preciso lembrar também que, no terreno da ficção, Dinah Silveira de Queiroz, com o Verão dos Infieis (Rio, 1968) ganhou o "Prêmio de Ficção Prefeitura do Distrito Federal". A autora oferece uma obra moderna, nova, densa, em que o destino das personagens é jogado ao sabor de certas fixações do mundo contemporâneo: sexo, política, gratuidade e solidão. Não o havendo julgado, conhecíamos o livro, que passou a ter indiscutível lugar de resaca na obra da autora.

E já que estávamos em Louvação, é tempo de lembrar que Guerra sem Testemunhas (São Paulo, 1969), de Osman Lins, constitui um dos mais sérios repositórios de informações sobre o escritor e suas condições de trabalho entre nós. Revelando uma extraordinária erudição, Osman Lins mais uma vez demonstra ser um dos grandes escritores brasileiros da atualidade. Tem uma prosa limpa, segura, harmônica. Conhece a arte de bem escrever e, por isso, se comunica mais que o comum de nossos escritores. Segue, parece, o desencanto de Eduardo F. de Azevedo, autor de A Ilusão Literária. Com Guerra sem Testemunhas, Osman Lins, de certa forma, escreveu a sua "desilusão literária", uma verdadeira catarse (para não dizer: um libelo contra os que impedem ou dificultam os escritores de se manifestarem).

O "Prêmio Brasília de Literatura", para conjunto de obra, coube a Marques Rebelo, cuja prosa é um dos grandes momentos da ficção brasileira contemporânea. Temos ressaltado a importância desse autor. Preferimos nele as páginas de recomposição da infância de atmosfera lírica, de generosidade humana e compaixão. Os desiluidos da vida, ganham grandeza na imaginação de Marques Rebelo. O lado solar de sua prosa está voltando para um imenso território que, às vezes, ele abandona para atender ao impaciente espírito mordaz que inspira as suas sátiras, os troços de exageração que são frequentes na sua escrita.

O ano literário de 1969, teve, a nosso ver, pontos culminantes, mais próprios para os estudiosos de literatura que para nós, eventuais arquitetos de juízos de valor: no campo da poesia, tivemos Boitempo, de Carlos Drummond de Andrade, misto de renovação e permanência, intensificação de alguns motivos que o poeta tematiza com acentuado vigor; e Itinerário Poético, de Emílio Moura, contendo toda a produção já editada e esgotada do poeta, mais uma considerável parcela inédita, talvez um dos momentos líricos mais importantes da poesia brasileira contemporânea. E que o grande artista questiona em alto nível de linguagem, os mais graves problemas da natureza do cosmo e do destino do homem, marcando de temporalidade os motivos mais transcendentes e intemporais que têm perseguido o ser humano.

No campo da prosa de ficção, será bom atentar nisso: Rosto de Papel, de Macedo Miranda, dá muito que falar ainda. Romance de um autor experimentado que conseguiu escrever agora talvez o seu maior livro.

COSETTE DE ALENCAR OFÍCI ODURO

Ofício de escrever, por enquanto e por aqui, não dá nem para sair: até constrange o que a gente, dentro do negócio, que é esse negócio, fica sabendo. Um vexame de dar vergonha aos que, por brio, querem dar altura à profissão de escritor. Profissão? Aqui, e por enquanto, ainda não. Lavra, neste momento, uma espécie de cólera repressa entre os que, de pena na mão, labutam no Brasil por uma literatura digna deste nome. Minha impressão é a de que, afinal farto de bancar o pato, o pessoal que escreve começa a dar sinal de rebelião. Já não é cedo para esta insurreição. Filha do escritor, acompanhei o drama de meu pai, cujos livros, escritos com limpa dignidade e arte maior, para não ficarem na gaveta, ele próprio editava, sa-

crificando-se materialmente, homem pobre que sempre foi. Autor de quatro romances regionais, mas na verdade universais (para só falar de um gênero literário que se considera muito vendável), Gilberto de Alencar morreu tão pobre quanto sempre viveu: dos direitos autorais a que teria direito, jamais recebeu senão migalhas de uma insignificante risivel. Depois de morto, seus livros continuaram aparecendo: continuaram também a não dar dinheiro algum, pelo menos à família do escritor.

Consta que editor brasileiro só excepcionalmente tem consciência. Neste exato momento, por curiosa coincidência, recebo carta de dois escritores do País, um de nome nacional, outro apenas conhecido dentro do território mineiro: ambos aludem, por razões diversas, aos problemas que têm com seus editores que não lhes pagam os direitos autorais e até se recusam a fornecer uma contabilidade relativa à vendagem de seus livros. Em ambos os casos os editores remissos são dos mais importantes do Brasil, de largo e afamado prestígio. E, para o escritor encontrar editor é fácil? Ah, não é. Mesmo que se comprime a qualidade literária do trabalho, o autor nacional não interessa ao editor nacional. O interesse destes negociantes volta-se todo para o artigo de importação, não raro de qualidade mais do que duvidosa, mas de venda garantida pela promoção brutal do artigo, o que explica a sofreguidão dos prelos do País, absorvidos apaixonadamente na divulgação de filosofias exóticas e erotismo de categoria mais do que reles, tudo importado. Livros sem conteúdo, mal alambcados, feticheiramente culturais, verdadeiras pilulas camufladas, encham os programas das editoras brasileiras que se recusam até mesmo ao dever de examinar os originais que lhes remetem inúmeros escrevinhadores patrióticos. Se o autor é brasileiro, e não integra aquela meia dúzia sacrossanta de mitos devidamente ajustados à máquina promocional que controla o assunto, forçosamente seu livro não presta e não venderá. Assim se explica porque a parte mais válida das letras brasileiras não é publicada: matéria-prima para ratos e baratas, quase sempre fica sendo seu destino melancólico. Também acontece, ainda que raramente, um bom escritor nacional encontrar quem o edite: o livro é lançado no mercado livreiro, às vezes chega a ser bastante lido, até provocando alguma reação espontânea. Mas como não existe mais no Brasil crítica literária (substituída em muito má hora pelo colunismo literário, de qualidade mais do que suspeita e sem maior alcance cultural), a obra tem de andar clandestinamente, uma verdadeira conspiração de silêncio: uma certa-lhe o avanço, quando não lhe explica todos os caminhos. Vou exemplificar: no passado, dois escritores mineiros de nome nacional lançaram novos livros, coincidentemente romances, Geraldo Franca de Lima nos deu JAZZ-IGO DOS VIVOS, talvez seu melhor romance, o que não é dizer pouco, que todos seus romances são excelentes. Antônio Olinto, versátil e variado, já realizado como poeta crítico literário, ensaísta, jornalista, estreou como romancista com A CASA DA AGUA, romance que analisa os laços afro-brasileiros e é "short" de fluência, senão de beleza poética também. Vocês leram alguma coisa sobre estes livros nos suplementos literários brasileiros? Nem eu, ninguém piou. Quem leu e gostou ficou na moita, numa atitude bastante condenável, e até mesmo abjeta no caso dos profissais da crítica literária que só saem a campo quando um interesse pessoal os incita. O escritor sua, labuta, pena, sofre, e tudo em vão. Ninguém parece dar atenção maior à sua contribuição no terreno da cultura. Por tudo isto, o ofício de escrever é dureza. Entre nós não dá de bancar, às vezes é pior que buscar a vaca no brejo. Por tudo isto será muito bom que Antônio Olinto não se eternize lá na Inglaterra: se lá é útil à cultura brasileira, mais o é aqui, como estelo e amparo da classe, que ele sempre busca ajudar dentro de suas possibilidades realmente dilatadas.

FICÇÃO

POESIA

ASSIS
BRASIL

BONS LANÇAMENTOS / 69

UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES

Romance — Clarice Lispector — Editora Sabiá

Destacando-se como um dos melhores livros do ano, no setor ficção, este novo romance de Clarice Lispector segue, muito de perto, a linha do livro anterior, *A Paixão Segundo G. H.*, no qual já havíamos notado o abandono da técnica ficcional, por uma incursão mais decidida no reino dos pensamentos subjetivos. Em meu livro sobre a sua obra perguntávamos se *A Paixão* não seria uma espécie de "impasse" em sua arte, quando os caminhos percorridos já a tinham levado àquela depuração quase que total em relação à estrutura do romance — eliminado o enredo, eliminados os personagens, ficava o pensamento inquiridor, a procura do sentido da vida, num texto de feição já mais ensaística. *Uma Aprendizagem* repete a técnica de *A Paixão*, mas a "procura" agora é de ordem afetiva do que "filosofica". Alguns críticos falaram em *misticismo* — sem dúvida, Clarice Lispector, nesta altura de sua carreira, "usa" a sua arte para inquirir a vida, o sentido do universo, o amor, a condição humana. O seu domínio narrativo continua, a sua linguagem continua com as características positivas, e Clarice Lispector persiste na procura de novos caminhos para a sua arte.

NO BAR

Contos — Luiz Vilela —

Edições Bloch

Luiz Vilela foi uma das melhores revelações de contista dos últimos anos. Surgiu ganhando um grande prêmio literário com seu primeiro, *Tremor de Terra*, para depois se afirmar ainda mais publicando trabalhos na imprensa especializada, principalmente através de uma pequena publicação, *Estória*, editada por alguns jovens escritores mineiros. Seu segundo livro publicado, *No Bar*, traz mesmo inúmeras experiências anteriores à sua atividade em jornais e mesmo em relação aos trabalhos publicados em *Tremor de Terra*. Mas desta pequena experiência global, até agora, fica a personalidade do novo escritor, simples, narrando com desembaraço, situando o homem em seus momentos mais ternos e, porque não dizer, mais poéticos. Embora às vezes violento e cru, Luiz Vilela é um dos poucos jovens escritores brasileiros que ainda se enternecem com o lado afetivo do ser humano, e esta é uma de suas qualidades salientes. *No Bar* traz uma unidade conceitual: o mundo infantil, as tranquilidades, a visão de pequenos seres, o que, pelo domínio do assunto, mostra que Luiz Vilela já está em plena posse de recursos narrativos e inventivos. Saliente-se no volume os contos *Domingo*, *Anéis de Fumaca*, *Corisco* e *Rodoviária*.

ANTIGAMENTE NO PORÃO

LúCIA McCARTNEY
Contos — Rubem Fonseca
— Olivé Editor

Rubem Fonseca publica o seu terceiro livro de contos, *Lúcia McCartney* e em alguns momentos supera as suas experiências anteriores, como nos contos *Desempenho* e no que dá título ao volume. O autor é um dominador ágil da narrativa curta, consciente das técnicas que usa, consciente das experiências que emprende. Neste volume ele chega ao exagero de incluir algumas pequenas peças visivelmente circunstanciais, que quebram um pouco o ritmo ótimo do livro. Algumas narrativas curtas em forma de versos — estes sem muita função estrutural — só podem apontar uma coisa: Rubem Fonseca quis mostrar de corpo inteiro a sua experiência que, como já acentuamos mais de uma vez, é multiforme, rica de recursos, e importante para a atual fase da literatura brasileira. Embora essas suas experiências "menores" e circunstanciais possam perturbar alguns críticos, queremos ver no volume *Lúcia McCartney* o seu momento mais decisivo e consciente. Nós que fizemos algumas restrições ao seu segundo livro, *A Coleira do Cão*, estamos agora à vontade para indicar que em seu terceiro "estágio" literário, Rubem Fonseca pode tirar as lições necessárias para prosseguir e para melhor.

Romance — Maria de Lourdes A. de Oliveira —

Edições Bloch

A autora foi revelada num curso nacional de romance, patrocinado pelas Edições Bloch e *Antigamente no Porão*, embora não seja um livro revolucionário, experimental ou mesmo trazendo novidades no plano da linguagem, pode se afirmar pelo seu equilíbrio conformista, pelo seu esquema tradicional. Trata-se de um romance de costumes na linha dos painéis psicológicos, e aqui a autora se revela uma boa criadora de tipos. Saliente-se entre estes os jovens, determinada situação da juventude, localizada com certo desembaraço, e o personagem principal do romance, Babete, que vive um drama familiar bastante característico do interior brasileiro. Dominando bem o tema eleito, a autora também domina bem a narrativa linear, direta, salientando-se o domínio do diálogo, provavelmente a qualidade mais saliente do seu livro. Algumas frases feitas e outras expressões comuns de um típico romance feminino, poderão ser eliminadas em obras futuras, ficando este *Antigamente no Porão* como a afirmação de uma nova personalidade literária.



Lúcia McCartney, de Rubem Fonseca, considerado por muitos leitores e pela seleção de Assis Brasil, neste jornal, como o melhor volume de contos surgido em 1969. OLIVÉ LANÇA LIVRO DE CONTOS QUE É SUCESSO

SEXOPEIA
Romance — Luiz Carlos D.

Chagas — Editora Saga

Num país como o nosso, em que as coisas da cultura são postas em segundo plano e os editores não sabem promover e vender os livros que lançam, era de se esperar que passasse em "brancas nuvens" a publicação de *Sexopéia*, romance de Luiz Carlos Dolabela Chagas. Trata-se do melhor lançamento experimental na área da jovem ficção brasileira no corrente ano de 1969. Não sabemos se o título *Sexopéia* seja melhor do que o título original, provavelmente não, e o nome do autor, quilométrico, também deixará alguma dificuldade nos possíveis leitores. Há que ser profissional, no bom sentido. Não só o título como o nome do autor deveriam ter passado por "recauchulagem" mais inteligente, para que o livro pudesse sustentar uma melhor propaganda e aceitação. Falamos nisso tudo porque vemos no autor um grande fic-

DESAMÉRICA — Contos

Fernando Fortes — José Álvaro Editor

Fernando Fortes é um autor que se impõe na ficção e na poesia e merece um lugar mais destacado na jovem literatura brasileira. Este ano ele contribui com dois livros, um de poesia, *Canto Pluro*, e outro de contos, *Desamérica*. Se sua poesia, é uma experiência bastante pessoal, versos sécos, medidos, numa linha-

gem imagística com a sobriedade de Drummond e Cabral, a sua ficção, desde *Epitáfio de Epaminondas*, é uma constante procura e pesquisa. Dominando a narrativa e procurando soluções novas de estilo, Fernando Fortes pode agora, uma vez que volta à atividade literária, ser apontado entre os jovens ficcionistas brasileiros que procuram novos caminhos. *Desamérica*, embora a variação de temas e mesmo de experiência narrativa, é um livro que tem bastante unidade, se levarmos em conta o pesquisador, o inventor contido de novos "materiais" para a ficção. Domínio absoluto, ideias criadoras, técnicas em constante ebulição, fazem de Fernando Fortes mais uma personalidade literária marcante.

TRÊS HISTÓRIAS DA
PROVÍNCIA — Novelas

Lúcio Cardoso — Edições Bloch

Sem dúvida que a reedição de seis novelas de Lúcio Cardoso, pelas Edições Bloch, é de grande importância para um conhecimento melhor do autor. Os volumes *Três Histórias da Província* (*Mãos Vivas*, *O Desconhecido* e *A Professora Hilda*) e *Três Histórias da Cidade* (*Indagação*, *O Afiteiro* e *O Enfeitado*) trazem o autor de corpo inteiro, embora se faça necessária também a publicação dos livros de sua primeira fase, *Malícia* e *Sulgueiro*. Não vemos nesta seleção *A Luz no Subsolo*, ainda o seu melhor

livro. Estreando muito jovem, ele pertence à década de 30. Lúcio Cardoso construiria uma obra bastante desigual, passando de uma espécie de neorealismo para um tipo de ficção introspectiva, com laivos românticos. Usando os "esquememas" do romance francês tradicional Lúcio Cardoso não é dos melhores escritores daquela década. Destaca-se no entanto de Octávio de Faria porque tem um estilo, uma marca pessoal, mas não pode ser comparado, nem de longe, a Cornélio Penna. Dizem que certa vez usou um pensamento bastante mordaz para classificar a ficção de Octávio de Faria: teria dito que este era o maior escritor vivo do século dezoenove. O fato é que a obra de Lúcio Cardoso também tem bastante parentesco com um tipo de literatura que foi cultivado no século passado.

O SOBREVIVENTE —

Contos

TEXTO E CORPO — Sérgio Sant'Anna — Edições Estória

Contos

Miguel Jorge — Depart. Est. de Cultura

Dois jovens contistas se salientam este ano, um de Minas Gerais, Sérgio Sant'Anna, com *O Sobrevivente*, e o outro de Goiás, Miguel Jorge, com *Texto e Corpo*. Embora duas experiências autônomas em

termos de invenção e de procura de novos rumos para o conto, os dois autores exatamente se aproximam nesta encruzilhada em que o novo tem de ser pesquisado e perseguido. Sérgio Sant'Anna é da turma de Luiz Vilela e está num mesmo plano de procura e naquela faixa bastante rara de situar o humano sem ser descritivo ou piegas. Por alguns de seus contos como *O Tempo e as Coisas* e *O Albergue*, podemos esperar tranquilamente o romancista: sua narrativa desvelta, limpa e sem qualquer compromisso com os chavões e os tradicionalismos. A mesma coisa pode ser dita em relação aos contos de Miguel Jorge, este já na sua segunda incursão pelo gênero. De fato este *Texto e Corpo* é mais inventivo, a pesquisa está mais de corpo inteiro. E um narrador também com amplas possibilidades de chegar ao romance, e mesmo alguns de seus contos já se caracterizam por aquela visão maior — em termos de recursos narrativos — da novela ou do romance, como é o caso de *Quando a Chuva Fecha o Campo* e *No Tremor da Espera*.

MUNDINHA PANCHICO E

O RESTO DO PESSOAL —

Contos

Juarez Barroso — Livraria José Olímpio Editora.

Creemos que o "material humano e situacional do livro de estória de Juarez Barroso é muito melhor

do que a sua realização literária. Em primeiro lugar as narrativas são todas bastante acomodadas e "tranquilas", mesmo em relação a temas que deveriam ter uma "vibração" especial, como em *Estória de Seu Armando* e de *Seu Amor* e em *O Trato*, por exemplo. Juarez Barroso fica naquela posição tranquila do narrador de "crônicas" de costumes, apenas expondo os fatos, por vezes movimentando personagens e diálogos. Pretendendo ser um livro de contos, *Mundinha Panchico* não pode ser alinhado ao lado dos livros de nossos contistas jovens, tais como Rubem Fonseca, Luiz Vilela, José Edson Gomes, José Louzeiro, Samuel Rawet, porque ele concede mais ao acadêmico, ao tradicional, sem que se vislumbre nenhum interesse em romper com os velhos liames. Talvez numa narrativa longa, novela ou romance, o autor se realizasse melhor, pois tem uma visão de conjunto bastante boa, e certo fôlego para "sustentar" determinadas situações que a ficção exige para a configuração de um mundo. Por outro lado, o colóquio foi quase que totalmente desprezado pelo autor, preferindo ficar nas linhas "cegas" do sistema lingüístico. Claro que o seu mundo, o mundo que retrata, também poderia ter uma participação mais forte dos recursos lingüísticos da oralidade.

OS CAVALINHOS DE

PLATIPLANTO — Contos

José J. Veiga — JCM Editores

Reedição de um dos mais importantes livros de contos da nova literatura brasileira. Foi com este livro que José J. Veiga estreou em 1959, trazendo um novo alento para o conto nacional. Ele continua a ser o seu melhor livro, embora a novela *A Hora dos Ruminantes* e os contos de *A Máquina Extraviada*, tenham a mesma marca do autor. José J. Veiga é, entre os jovens contistas brasileiros, o que mais se aproximou a um mundo mágico e a um fabulário maravilhoso da condição humana. Embora este aspecto antirrealista — o que é muito positivo e bom — seja uma característica dos novos contistas e mesmo romancistas brasileiros, José J. Veiga é o que mais se distancia no mundo da fábula, numa simbologia que por vezes pode situar seus trabalhos numa dimensão difícil para o leitor comum. A par disso, é um narrador de amplos recursos, seguro, criando por vezes um estilo bastante pessoal. Deste volume de *Os Cavalinhos de Platiplanto* gostamos de todos os contos, destacando-se o que dá título ao volume e mais *Era Só Brincadeira*, *Os do Outro Lado*, *Roupa no Coradouro* e *A Espingarda do Rei da Síria*.



CRITICA SEVERA DEIXA SÓ O BOM DA LITERATURA
Eis alguns dos livros escolhidos por Assis Brasil como os mais expressivos de todo o ano de 1969: *Sexopéia*, *O Sobrevivente*, *Três Histórias da Província*, *Ordenações*, *Desamérica*, *Ir a ti...*

Em Curitiba compre seus livros na
Livraria CHIGNONE

Ah!, a crítica brasileira. Em julho do ano passado, em Curitiba, Paulo Leminski concorreu ao II Concurso de Contos do Paraná, com um texto ("em forma de conto") denominado Descartes com Lentes. Este concurso teve um júri composto por renomadas personalidades da crítica literária brasileira, nomes como, Marques Rabêlo, Temístocles Linhares, Fausto Cunha, etc. Sabendo do resultado do Concurso e presenciando o relatório crítico, da banca julgadora, relatado por Fausto Cunha na ocasião, ficou bem claro que "Descartes" tinha ficado de fora. O alto nível do texto, mais a "metodologia classificatória e nomenclatural" dos digníssimos julgadores fizeram nos ver que "Descartes" mal tinha sido lido. Hoje, "Descartes" virou "plot" para ser CATATAU.

CATATAU começou a ser pensado e elaborado em 1966 — diz Paulo Leminski — foi primeiro um conto com o nome provisório de Descartes com Lentes. Mas o próprio texto pedia um alargamento, de dentro para fora. Mantido o arcabouço original, o texto foi sendo enriquecido com devoráveis sucessivas de episódios e seções. CATATAU é o exemplo mais perfeito, o protótipo no Brasil de texto, isto é, rompimento total com os enquadramentos prosa ou poesia, utilização de todos os recursos da língua, desde o trocadilho até o "portmanteau", criação ao nível da própria linguagem. "CATATAU não é conto, nem novela, nem romance", afirma o autor, "talvez não seja nem ficção". E, na tentativa de tentar defini-lo, Paulo acrescenta, "é um texto de pensamento. Texto de pensamento alto".

Paulo Leminski foi primeiramente reconhecido pelo Grupo Vanguardas de São Paulo (Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, José Lino Grünwald). Com os concretos, Paulo aprendeu o rigor do fazer, adquiriu a consciência de estruturas, para posteriormente descobrir suas próprias trilhas, vetores, verdades. Paranaense de 25 anos, Paulo é hoje, indiscutivelmente, um dos autores jovens e de vanguarda mais importante da literatura brasileira. Como experimentador que é, Leminski toma posição: "A literatura brasileira é atualmente a pior literatura do mundo. Estamos sem poesia, sem prosa, sem nada. Os jovens não têm preparo, nem inspiração, nem inteligência para o verdadeiramente novo. Esta geração é na literatura, a vergonha da literatura brasileira. Os experimentadores não têm rigor", continua enfaticamente o autor de CATATAU, "nem o mais difícil: a riqueza no rigor".

Conhecido e discutido na Itália atualmente, que deve-se à publicação de alguns de seus poemas na revista Invenção, Leminski é descendente de ucraniano, português, índio, africano e o primeiro polaco da literatura brasileira. A respeito dos movimentos de vanguarda aqui no Brasil, Paulo não esconde sua franqueza: "Os praxistas são ótimos rapazes mas sem ira nem brilho. Você notou como as obras dos praxistas não tem pegada? Embora eu me apresente como adversário dos praxistas, quero registrar por questão de justiça a tentativa representada pelo texto DARDARÁ de O. C. Lousada, que ficou aquém das expectativas, uma espécie de nouveau-roman".

Resposta

Leminski representa, e ele próprio faz questão de frisar, a segunda geração da Poesia Concreta CATATAU, situa Paulo, "é a resposta da minha geração, no terreno da literatura, ao trabalho revolu-

cionário em outras áreas de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Jorge Ben, José Martinez Correia, os concretos e guarda profundas afinidades com a concepção de "pragmasom", de Ivan da Costa, no terreno da teoria da música de vanguarda". Nessa retomada da linha crítica/criação de vanguarda e, ao se identificar ao mesmo tempo como um autor da geração pós-concretista, Paulo aponta CATATAU como o acontecimento depois de "Grande Sertão Veredas" e "Meu Tio Iauaretê" de Rosa, e do livro das "Galáxias" de Haroldo de Campos. O próprio Paulo Leminski, que ultimamente tem mostrado um alto discernimento crítico, diz que Guimarães Rosa "foi traído pelo regionalismo. Ele estava para dar o grande, lance da linguagem e acabou escrevendo capripá, sobre paisagens. Acabou no descritivo, Guimarães no fundo é José de Alencar".

Com lançamento previsto pela Edições Jornal do Escritor — linha de vanguarda — para início do ano que vem, as cem páginas aproximadamente do texto com Descartes vão dar muito o que falar. Será fatalmente um grande problema ou, como diz o próprio autor, será "o texto mais difícil da língua portuguesa". Em termos de leitura, CATATAU já está inteligível à primeira vista. Os "tradutores" ou decodificadores da literatura brasileira vão sofrer um bocado. Não obstante, Paulo adianta alguma coisa:

O contexto de CATATAU é o Brasil do século XVII. INVASÕES HOLANDEASAS. A Recife dos holandeses. Descartes foi oficial de Maurício de Nassau na Europa. Poderia ter vindo ao Brasil. Não veio mas é como se viesse. CATATAU é Descartes no Brasil holandês. Descartes sentado à beira-mar em Pernambuco fumando maconha, contempla com uma luneta o mar do Brasil. Sobre sua cabeça — um bicho-preguiça, numa árvore. Os holandeses trouxeram ao Brasil pintores e sábios como Marten, Piso, Barleus, Post, Descartes é um deles. Toda a parafernália da escolástica, da antiguidade, do renascimento, da cabala, da alquimia, das ciências experimentais do barroco entram nele.

Linguagem

Todo o trabalho que Leminski fez até agora se encaixa em CATATAU, como uma confluência de rios que desembocam num mesmo delta. Leminski, poeta de formação e por natureza, tem dezenas de cadernos com experimentações vocabulares. "São dez anos de experimentações com as palavras", diz Paulo. "com o tecido vivo da linguagem e passei da língua idioma para a linguagem no decorrer da prática". Suas produções linguísticas podem ser divididas em dois blocos: "Meu ideal seria publicar um pequeno livro dos meus poemas com um título em latim", confessa Leminski, "e, o CATATAU, 1ª versão: work in progress, isto é, uma obra em obras".

Objetivamente considerando, Paulo Leminski é um dos autores mais leais, ao nível da literatura. Dá as cartas, estabelece um compromisso histórico no processo evolutivo e criativo de nossa literatura. CATATAU valoriza o já feito justamente por se diferenciar totalmente do anterior. Paulo não faz concessões: coloca a produção literária brasileira ao nível internacional, ao nível antropológico e dos trópicos, como um caso encaixado e indiscutível. Esta é sua grande novidade. "O texto", diz Leminski, "foi engolindo, tropical e antropofagicamente episódios que lhes despertaram o apetite. CATATAU é a colocada em questão da cultura greco-latina, ocidental, renascentista e cristã nos trópicos".



CATATAU

de Paulo Leminski:

DESCARTES NO BRASIL Psicodélico & Tropical

IVAN DA COSTA

Paulo Leminski é um caso singular no Brasil. Políglota (além de ser especialista em latim e conhecer as principais línguas ocidentais, se dedica também ao japonês, sânscrito, grego e hebraico), judeu, professor de literatura, português, história geral, também estudioso da religião (tanto oriental como ocidental) e extremamente erudito, Paulo, que possui uma produção literária de alto nível qualitativo não obstante sua idade, é praticamente desconhecido no Brasil. Afora o reconhecimento definitivo dos concretos, somente agora é que Paulo se projeta no cenário tropical. No entanto, é importante frisar que CATATAU não é uma obra de iniciante, de um "jovem" em que pesa a escassa publicação do autor.

Não há nada de parecido na literatura brasileira. Descartes, ou melhor, CATATAU, sou eu mesmo. No que tenho de intelectual ocidental estudei com beneditinos, KATA TAUTA, CATATAU é calhamaço, é gerigonça, é bicharoco, é conforme o Tao. É tatu, é cata, é a cantilena paca tatu cotia não, CATATAU é em português "língua, gem complicada", um "bicharoco" e também um volume grosso. É um texto barroco.

1970 vai ser o ano de Descartes, ano de CATATAU: texto da era 2000.

FRAGMENTOS DE CATATAU

1 O fel, num arrebolado, de minha alabança de pouca-vergonha não o apulhanha potralogia minha, nem menineiras de júpio, dizer: que lindo? Iliontróis, ah, Frans-plantártica, são, áprido! De calhambota, de sapofície em sepulcie — o obsaluto! Aboleto, Abshiboleto, shalom, shalom, meu filho, ó filhos em filha indiana! Voo de ácaros, uma horató de Cicaro, aos alfahabitanes desta perúbica, realma-me que abotatéis e que o que um filagano, ou persau, rei da Baislódina, o sebo obeso, o seboosso — seboosso, sic, dedico vobis, e que não só descaçanda casualinas mesmorabhadia!

2 A lãrbglararjanja arma a lesimã, espantalanho? Um ploma! A melontra bronca o aconhecimento, o aconhecimento é trepa. A esperança apariguerazua a nabelicã da escrituratura. O castpólago de erebtra mermona cicloslogia acanca-ramúsicas, matãanfcomédias rancam a alucilãmima ilumimãra, o perlume guagem num árteclo trovejoivo: oxaliás, o crifício não gacarne, o apouge trextra um camaleopárido. Moluscosfulatúrã, no calhãculo da lapsodia, ioidibayã, ou espiralãmides dos faróis do Olvidro, amassacramassam as pilhãrias que carcomascam nos rododipeios do ursucapiau! Plãnticie! Aurifilgido, argenliceritico dentirpostor! Com a breacadabra! Lampãdãmas línguas, em litany ou em ladãmi? ou em nenhungãtu? Qualquãr chor? Um nenhũfãr! Em quizilia, o calmorão quizumba o morfema da floema, a bugrama, a peroma, a minama, a homema, rubrucundam o imesimo langãr!

3 Disface, falésias de facéias... Meu falar é maior que eu: o apaga-eu, o apogeu, apage! Vivo para falar ou falo para viver? Falo mor de falir, falecer, o falecer maior, e disfalando, afalego e disafaleço. Ah, estarreer de meu estar e ser! Falo o que se falar: nem mars nem vénus: o que se diz por aí, o que se diz aí; o que se fala, acaso, nestas paragens é melhor falagem? Fala-se assim: falando... e eu falo, miserestérios, mistúrbios... O que falo são falas-contadas ou falas cantadas? Fatalidade da futilidade: finalidade da fonalidade; interpuando o silibino com o grafatical, fanfãrrã.

4 Ascensão, muita ascensão, direstantes e dilatores! Ostra separastro, sator arepo tenet rotas, rotes opera bufa, tenet, arepo sator, ó rãstos! Ó pé-de-rãstos! A palãmpavra de Anãdim de Jaulã cruxileia e ficaremos a ver pavios? Não ultrapasseie, ó sator, nec plus ultra clépídãr! A arena escarrega em ampunhaletas, e de júbito, no mês de bajanananeiro, febreireiro abrilhanta o macho, o testejuino, história de júbito, ou no desgosto, se bem tem lembro, bem-te-vi — o ostupro e o embrião novo dezembrocando no dezembrião, é a mesta indústria, admilãgrel, brotagonizo! Corpo de mim! A Deus nada é difícil; difícil é ser Deus. A esse magãno — meu mais estreito e magno não! Digo palavras que não são para achar o que sou. Você, aí, que é que acha? Não acho, procuro. Esta convicversã não vai longe; salvãno, com perdicã da mã palavra — eu! I-vois, lápido, impãlido vacabaleio!

Odilo. Sindicato pode unir autores

J. MARIO LIMA

Odilo Costa Filho é o novo imortal da Academia Brasileira de Letras. Venceu por maioria seu adversário mais próximo, Mário da Silva Brito (23 x 11) e já à noite, em sua residência, em Santa Teresa, recebia seu grande círculo de amizade para comemorar a vitória que ele dizia já esperar, "muito embora não se possa contar com o ovo na galinha".

Odilo Costa Filho nasceu no Maranhão em 1914 mas viveu grande parte de sua vida no Piauí, para onde foi aos seis anos de idade. Chegando ao Rio, em março de 1930, onde veio para cursar a Faculdade de Direito, só em janeiro de 31 é que ingressou na imprensa carioca como repórter do "Jornal do Commercio". Daí para cá "nunca mais deixou de escrever", disse Odilo Costa Filho.

Imortal

Sempre sorridente, mostrando traços da grande e-

mocão Odilo conta como começou a escrever ao JE. O homem responsável pelas renovações da imprensa moderna brasileira, inclusive, a transformação gráfica e redacional do "Jornal do Brasil", na época em que lá foi criado o Suplemento Dominical, que posteriormente serviria de suporte para o lançamento do Movimento Concretista, tendo à frente Ferreira Gullar (também maranhense) e Reinaldo Jardim, diz que "sempre escrevi e desde menino sempre pensei em escrever". Publicou seu primeiro trabalho numa revista do Liceu Piauiense e mais tarde criou em Teresina a revista "Cidade Verde" com uma abertura geral para a literatura. Editada com clichês de "casca" de cajazeiras, conta Odilo, que "Cidade Verde" apesar das pretensões de uma tiragem semanal, só chegou ao sétimo número, isto em 1929. No Rio, Odilo formou-se em bacharel em Ciências Jurídicas, aos 19 anos de idade, em 1933. Como repórter do "Jornal do Commercio" adquiriu

as grandes experiências de sua vida e entre os maiores fatos de sua carreira jornalística aponta ter acompanhado a criação do Ministério do Trabalho, por Lindolfo Collor, "um homem que acreditava na democracia e que buscou as soluções para os problemas sociais nela".

Em 1965 publicaria seu primeiro livro "A Face e o Rio" pela Editora José Olímpio. Mais tarde esse livro ficou na mira dos cineastas do Cinema Novo brasileiro que queriam filmá-lo. Como todo homem que se destaca nas letras e particularmente no jornalismo merece na opinião do historiador José Honório Rodrigues sua eleição para a ABL, "pois está dentro da tradição da academia acalher grandes nomes da imprensa brasileira, não só como membros mas como patrono, como é o caso de Hipólito José de Costa, editor do Correio Brasileiro, jornal da época da Independência".

Para Odilo Costa Filho a Academia não dá nem tira

a imortalidade "mas um maranhense entrar na academia é privilégio que Deus não dá a muitos". Ao ocupar a cadeira nº 15 da ABL que tem como patrono outro maranhense "Gonçalves Dias", no lugar do poeta paulista Guilherme de Almeida, diz Odilo que "se sente como um homem comum que recebe a consagração de uma tradição literária continuada através do tempo". — "Vejo na academia, não como aqueles que querem fazer dela um ponto de reformas ou de revolução intelectual. Essa tarefa é das vanguardas. Se a academia passar a exceder-la que passarão a fazer as vanguardas?", indaga.

Brasileiro

Como homem humilde e simples que sempre foi Odilo define-se de uma maneira bem peculiar: "Sou maranhense de nascimento e carioca de Hipólito José de Costa, editor do Correio Brasileiro, jornal da época da Independência".

BELEM ESTA NA VANGUARDA

A capital paraense também faz vanguarda, apesar da distância. João de Jesus Pais Loureiro, jovem poeta belenense, que apesar desse apesar está sempre atualizado com os novos movimentos artísticos e às vezes à frente deles, é o autor de um experimento de precursor consagrado com a classificação na Bienal: o arquiteto Paulo Chaves fundirã a poesia e a arquitetura em três obras classificadas com destaque no "Salão do Artista Jovem" da Bienal, no qual 600 trabalhos disputavam 25 vagas. Os trabalhos representam um caminho em busca de uma saída para a poesia — JJ Pais Loureiro acha que a poesia convencional não tem mais vez nesta segunda metade do século XX. É uma tentativa de integração, a partir da ideia de que as artes, hoje se interpedem: o cinema é quase uma fusão delas todas; a propósito, JJ é o professor de cinematema em colégios de Belém, o que é outra inovação paraense — ensinar cinema em curso ginasial. Em tempo: um simpósio cultural realizado há três meses nos Estados Unidos recomendou como uma rota para a renovação da poesia, no futuro — precisamente sua fusão com, por exemplo, a arquitetura. Em Belém do Pará, os trabalhos de João de Jesus já estavam prontos.

EDITORIA ORESTRO
A Editora Máxima S.A. apurou no seu relatório de diretoria deste final de ano: "Senhores acionistas: Dando cumprimento às disposições legais e estatutárias, a Diretoria da Editora Máxima S.A. ao ensejo do encerramento do exercício social em 28 de fevereiro de 1969, tem a honra de submeter à apreciação de V. Sas. o Balanço Geral e o Demonstrativo da Conta de Lucros e Perdas, assim como o parecer do Conselho Fiscal. Não obstante os bons resultados obtidos, opinamos pela não distribuição de dividendos deixando o lucro à disposição da Assembléia Geral que deverá decidir sobre a sua destinação". O resultado das operações sociais da Editora Máxima S.A. em 1969, foi de NC\$ 4.631.644,64, sendo igual o total do crédito. Ao fazer este registro o JE deseja que ano que vem os lucros da Editora Máxima sejam ainda maiores.

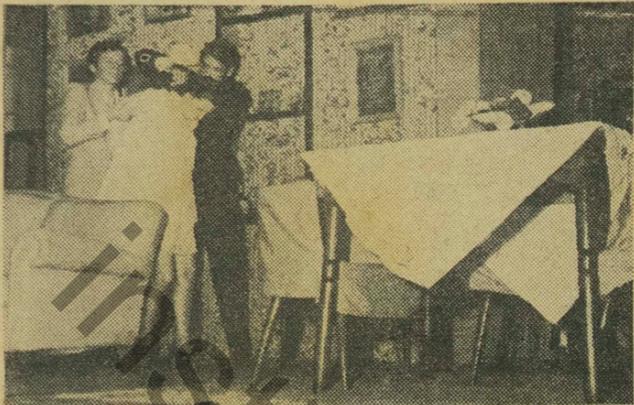
TRAGEDIA DE UM LIVRO DIDÁTICO
Os originais do livro "BROMATOLOGIA, ANALISE DE ALIMENTOS", dos professores Mário Taveira e Maria Luiza Belfort Bethlen, encontram-se, há mais de quatro anos, na Gráfica Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A impressão obedece a um convênio assinado entre a Diretoria de Ensino Superior e a Reitoria da antiga Universidade Federal do Rio de Janeiro. A composição gráfica do livro foi até a página 400, faltando ainda cerca de 300 por imprimir, por dois motivos: falta de máquinas para compor em linotipo e falta para remunerar adequadamente novos linotipistas. O livro "BROMATOLOGIA, ANALISE DE ALIMENTOS", além de sua finalidade didática, serviu como texto para os técnicos bromatológicos dos laboratórios oficiais do país. Não existe nenhum livro sobre o assunto em nosso idioma. Os autores (como todos autores em geral), aguardam providências urgentes, pois essa demora vem lhes trazendo graves prejuízos, em vista do trabalho de atualização indispensável num assunto que se renova a cada dia.

de strip-tease escolhe essa profissão seguinte: as mulheres que praticam strip-tease têm geralmente os seios mais desenvolvidos do que a americana média; alguns atingem proporções astronômicas, declararam. Tem, também, as ancas mais carnudas, elas são maiores e de um peso superior à média Skipper e McCagny acrescentaram que estabeleceram essas estatísticas após terem assistido a centenas de demonstrações em números cabares de Honolulu, de Nova Iorque, e que seus índices na dia tinham de lesiano. Os dois sociólogos descobriram, também, que a profissional se despende, principalmente, para ganhar dinheiro. A renda média destas artistas situa-se na média de 175 dólares por semana, enquanto as grandes estrelas que conhecem bem seu ofício podem ganhar até 1.500 dólares por semana. A prática

PILULA PARA A MEMORIA
Atenção esquecidos: foi inventada a pilula que estimula a memória. O professor de Química da Universidade de Linda Loma, Califórnia, Wendell Jolley, depois de cinco anos de pesquisas, obteve um comprimido batizado de "Ridaminol" o qual, segundo ele, estimula a síntese da proteína no cérebro e facilita os esforços da memória. Declara que o produto será fabricado no México e que em breve estará disponível nos Estados Unidos.



Termina em Nova Friburgo o V Festival de Teatro Amador



Cena de "Arsênico e Alfazema" e os atores principais: Tânia Castillo e Flávio dos Santos

Encerrado o V Festival do Teatro Amador de Nova Friburgo patrocinado pelo Serviço de Turismo e Certames da Prefeitura Municipal, organização do Clube de Teatro do Colégio Nova Friburgo (Fundação Getúlio Vargas).

As apresentações das peças foram levadas a efeito no Centro de Arte de Nova Friburgo e no Colégio Nova Friburgo. Receberam prêmios (e o troféu correspondente), todos aqueles que obtiverem 70 ou mais por cento dos pontos atribuídos a cada concorrente, nas seguintes categorias: grupo, ator, ator coadjuvante, cenarista, figurinista, sonoplastia, maquilador, iluminador e direção.

CONDIÇÕES

Os grupos teatrais de outras localidades que foram a Friburgo viajaram por sua própria conta e ali ficaram hospedados no Colégio Nova Friburgo, por conta dos organizadores do Festival. A receita dos espetáculos dos grupos de fora revertirá em benefício dos organizadores. As despesas de divulgação do Festival, direitos autorais, impressões de programas e entradas, correu por conta dos patrocinadores.

INAUGURAÇÃO

O V Festival do Teatro Amador instalou-se numa noite de grande gala para Friburgo. Ao Centro de Arte daquela importante cidade ser-

O III Concurso Nacional de Contos, cujo lançamento oficial foi efetuado pelo Governador Paulo Pimentel, em 24 de novembro, abrangem quatro categorias:

- 1) Geral — a que podem concorrer candidatas de todo o Brasil. O primeiro classificado receberá o Prêmio "Paraná" no valor de 18 mil cruzeiros novos. Ao segundo colocado será atribuído prêmio de 10 mil cruzeiros novos.
- 2) Estreante — a que podem concorrer candidatas de todo o País. O primeiro classificado receberá o Prêmio "Revelação", no valor de 5 mil cruzeiros novos.
- 3) Estudante — a que podem concorrer estudantes dos cursos de grau médio ou superior de todo o País. Será conferido prêmio de 3 mil cruzeiros novos ao primeiro colocado,

rana compareceu uma verdadeira multidão de admiradores da arte teatral. A peça "Antígona", de Sófocles, foi representada pelo Grupo Cênico D. João VI (Centro Português), tendo como atores principais Diana B. Wilkes (Antígona), Athene B. Wilkes (Ismênia) e Paulo Sérgio Carvalho (Créon). A direção (muito boa) esteve a cargo de Regina Wilkes (profissional). Na primeira noite, num julgamento popularíssimo, comandado por Mário Castillo, o grande animador do Teatro friburguense, Diana Wilkes classificou-se como destaque do Festival. Logo a seguir classificou-se o ator Paulo Sérgio Carvalho.

As outras peças que participaram do V Festival do Teatro Amador, foram: **Arsênico e Alfazema**, de J. Kesslerling; **A Volta do Camaleão Alface**, de Maria Clara Machado; **Mateus e Mateusa Antes e Depois**, Qorpo Santo; **A Raposa e as Uvas**, de Guilherme de Figueiredo; **A História de Muitos Amores**, de Domingos de Oliveira; **Em Moeda Corrente do País**, de Abílio Pereira de Almeida; **O Caso dos Pirlampinhos**, de Stella Leonardos; **Está lá fora um inspetor**, de J. B. Priestley; **Agague meu spot light**, de Jacq de Oliveira, adaptação de Guaraldi; **O Clube dos Antropófagos**, Manuel de Lima; **Flôr de Nada**, Edson Magalhães e **As Troianas**, outra tragédia para encerrar, adaptação de Jean Paul Sartre. Pela ordem de colocação de peças, os grupos são os seguintes:

Clube de Teatro do Colégio Nova Friburgo, Teatro Experimental do CEFEL, Teatro Amador do Fluminense (GB); Teatro Amador do Trabalho (GB); Grupo Organizado de Teatro Moderno; Teatro Amador Cabofriense, Grupo de Artes Rui Barbosa, Caleidoscópio, Grupo de Teatro Cena-1, Teatro Jovem de Vanguarda; Grupo de Teatro da Sociedade Esportiva Friburguense e Teatro de Amadores da Mabe (GB).

ENCERRAMENTO

Na solenidade de encerramento do V Festival houve reunião da grande maioria de artistas e organizadores. Números de danças foram executados e procedeu-se à entrega dos troféus aos melhores colocados. Toda essa beleza de realização, deveu-se, em verdade, além dos próprios grupos, aos poucos elementos que realmente acreditam no teatro deste país: no teatro jovem, no único portanto capaz de uma grande abertura no nosso mediocre panorama da arte cênica. E esses elementos são, além do prefeito Amâncio Mário de Azevedo, que não poupou esforços pra que tão bela festa de cultura se tornasse realidade, Amantey Pereira Muniz, Dêlio Freire, Mário Castillo e Antônio Savino. Lutando pela promoção do Festival, pregando faixas na cidade e mantendo um clima festivo em Friburgo, atuou o chefe do Serviço de Turismo e Certames, Manoel Carneiro de Menezes.

Conto tem nova regra no Paraná

COMO PARTICIPAR

Para participar do III Concurso Nacional de Contos basta enviar três contos originais e inéditos, identificados por pseudônimo. Os contos devem ser remetidos para "III Concurso Nacional de Contos, Fundação Educacional do Estado do Paraná — FUNDEPAR, Caixa — Postal 2.854, Curitiba, Paraná." Os trabalhos devem ser encaminhados em 6 vias, em papel tamanho officio, datilografado em espaço 2 e em um só lado da folha. Junto com os contos, os candidatos devem remeter um envelope fechado, contendo em seu interior o pseudônimo e o nome do concorrente, endereço e breve currículo e, no caso de universitário

Resultado do II Torneio de Poesia Falada de Niterói. 1.º lugar, Geir Campos, com a poesia "Metanáudica", NCr\$ 10.000,00; 2.º lugar, José Kleber, "Lamentações — os muros de Parati"; 3.º lugar, Airton Pereira da Silva, "Arquitetura

**GEIR CAMPOS
GANHA MILHÕES
COM POESIA**

onírica". Walmir Ayala, que participou do júri, declara ao JE que gostou mais do segundo lugar. Quanto à desclassificação de Márcio Almeida, acha que "foi justa, pois o concurso era de poesias inéditas".



BRASILIA VAI TER UNIÃO DE ESCRITORES

★ José Edson-Gomes e Eziro Pires encabeçando a lista dos intelectuais que pretendem fundar em Brasília a União dos Escritores. Começa assim, a repercutir, o plano deste jornal de transformar o autor brasileiro em gente, cidadão respeitável, cónscio de seus deveres e obrigações. Parabéns, pois, a esses dois jovens autores que, assim, trazem Brasília para o centro dos acontecimentos culturais do país.

10 ANOS SEM VILLA-LOBOS

★ O 10º aniversário de morte de Villa-Lobos foi solenemente comemorado dia 20 de novembro, na Sala Cecília Meireles, quando o Quarteto de Cordas da Guanabara, sob a direção de Mariúccia Iacovino, executou obras do grande compositor brasileiro. A promoção foi do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação da Guanabara, sempre presente aos grandes acontecimentos da vida artística do Rio de Janeiro.

CINEASTA FAZ CONTO

★ O cineasta Olney São Paulo, autor de "O Grito na Terra" e "Manhã Cinzenta", estreia agora na ficção com o livro "Antevéspera" e "O Cantor do Sol", lançamento de José Alvaro Editor. "Manhã Cinzenta", extraído do roteiro de seu último filme, foi o conto escolhido para a abertura do livro, que traz a introdução de outro cineasta, Alex Viany.

ou estudante de nível médio, um atestado de matrícula.

CONDIÇÕES

Não é permitido aos candidatos concorrer mais de uma vez em cada categoria, nem concorrer em mais de uma categoria, mesmo com trabalhos diferentes. Os direitos autorais dos contos premiados serão transferidos a FUNDEPAR, por dois anos, nos termos da legislação vigente. Não serão devolvidos os originais dos contos não premiados. As inscrições encerram-se impreterivelmente no dia 31 de março de 1970. Os resultados serão divulgados até a primeira quinzena de julho, sendo os prêmios entregues em Curitiba, pelo Governador do Estado.

Já confirmaram sua participação no júri do III Concurso: Eduardo Portela, Assis Brasil e Andrade Mungundes Teles também foram convocados. Fernando Sabino e Lígia Faddas.